

O(S) MEU(S) LIVRO(S)

MARIA DE JESUS FONSECA*

*Professora Adjunta da ESEV.

O título desta sub-secção, que decidimos abrir, começa por ser, para mim, problemático. Porque muitos foram os livros da minha vida. Particularmente, na minha adolescência e juventude, em que, autenticamente, me assumi como consumidora activa e "devoradora" de livros. Muito li nessa época, umas vezes por obrigação, (escola, a quanto obrigas!), a maior parte das vezes por prazer e fruição.

É verdade que este meu gosto pela leitura muito teve a ver com o facto de, em minha casa, haver muitos livros que o meu pai, também leitor assíduo e inveterado, comprava. Comecei a constituir, nessa altura, a minha própria biblioteca que agora conta com um número considerável de títulos. Ainda hoje, quando entro numa livraria, perco a cabeça e só não compro mais porque é preciso fazer contas à vida...Não chego a ler tudo o que comprei, porque já não tenho a disponibilidade de tempo que tinha outrora.

Li de tudo um pouco "in illo tempore", simultaneamente tão próximo e tão longínquo. Dos clássicos russos aos autores portugueses, da poesia ao teatro, do romance à ficção e ao policial...E de todos guardo o sentimento de que cumpriam uma função: seja de entretenimento, de informação ou de formação. Por isso não gostaria de escolher, porque, entre todos, é-me muito difícil considerar qual foi o livro da minha vida. Destacarei, contudo, pela repercussão que ainda hoje tem em mim e pelo encantamento e deleite que me continua a proporcionar, a leitura, que não me canso de repetir, da obra poética de Fernando Pessoa. Que me perdoem os que consideram Camões o maior poeta de língua portuguesa, mas o meu poeta, para mim o maior de toadas as línguas, é Pessoa, sobretudo no heterónimo de Alberto Caeiro.

Para fugir à dificuldade da escola decidi centrar-me no que mais recentemente li. E escolhi, então, "O Mundo de Sofia. Uma aventura na filosofia " de Jostein Gaarder e em Segunda escolha, o "Curso de Filosofia em Seis Horas e um Quarto" de Witold Gombrowicz. Evidentemente que esta opção não é alheia à minha opção de formação, quando decidi cursar filosofia. Mas essa opção formativa teve a sua raiz numa opção de vida, num modo de encarar o mundo e a vida que é o meu modo, e que quis

reflectir e fundamentar criticamente. A filosofia correspondeu, nesse aspecto, às minhas expectativas. Não faço segredo disso: a filosofia é a minha vocação e a minha paixão.

É neste sentido que começo por justificar a minha Segunda escolha: também para Gombrowicz a filosofia era uma paixão, de tal modo que, nos últimos tempos da sua vida, corroído pela doença e querendo suicidar-se, essa paixão o salvou. Dois amigos e a sua mulher, conhecendo essa paixão, propuseram-se ser seus "alunos" de filosofia, e só nesses momentos em que exercitava e vivia a sua paixão, Gombrowicz se entusiasmava, esquecendo tudo o resto; a outra razão desta escolha tem a ver com o título, inusitado, contraditório mas real.

Escolho também dois excertos. " Não se trata de perguntar se se deve ou não fazer filosofia. Fazemos filosofia porque é obrigatório. É fatal. A nossa consciência faz perguntas e há que tentar responder-lhes. A filosofia é uma coisa obrigatória. (...) É necessária a filosofia para se Ter uma visão global da cultura. (...) A filosofia permite organizar uma cultura, adoptar uma ordem, encontrarmo-nos a nós próprios, obter uma garantia intelectual." (Gombrowicz, 1996:18) Neste primeiro excerto, o que se diz, de forma tão clara, corresponde exactamente ao que penso e ao que sinto, quer no que respeita ao que a filosofia é, quer às suas funções, ou para que serve.

Quanto ao segundo, ele tem a ver com a antecipação de uma realidade dos nossos dias. Tendo este curso decorrido entre 27 de Abril e 25 de Maio de 1969, anuncia-se aí o abandono e o fracasso do marxismo para a data em que veio a acontecer. E não se trata de uma premonição ou de acto adivinhatório, mas é, sim, o resultado da *simples* reflexão, analítica e crítica, sobre o próprio conteúdo do marxismo. " O futuro do marxismo? Suponho que dentro de vinte ou trinta anos largar-se-á o marxismo." (Gombrowicz,1996:101)

" O Mundo de Sofia", a minha primeira escolha, é um texto apaixonante. Por muitas razões. Antes de mais, o próprio título é simbólico e, a meu ver, propositadamente. Sofia é a principal personagem do livro. Mas não é, com certeza, por isso assim que o livro assim se intitula. É que Sofia é uma adolescente a quem abrem o mundo da filosofia, que ela desconhecia, e que se apercebe que esse mundo é também, e afinal, o seu próprio mundo.

Mas, por outro lado, *Sophia*, em grego, significa sabedoria e refere-se, mais que a um modo de encarar a vida, a um modo de estar na vida: viver, reflectindo as nossas experiências de vida, e formando, assim, uma concepção do mundo e da vida que guie a nossa existência, que lhe dê sentido e significado, mas

também coerência, porque vivemos de acordo com essa concepção. Ora, os gregos, caracterizam a *philosophia*, não principalmente como um saber, mas, precisamente, como sabedoria. O mundo de Sofia é, neste sentido, o próprio mundo da filosofia.

O que é de ressaltar, nesta obra, é que se trata de um modo de falar, de expor e de *ensinar* filosofia, em tom coloquial e sob a forma romanceada, cheio de vivacidade e de interesse e de forma, por vezes, divertida. Percorre-se toda a história da filosofia, perspectivando, globalmente, todo o pensamento filosófico, desde a sua origem até aos nossos dias. O que é original é, precisamente, o modo como se faz isso. Porque não temos a sensação maçuda de estar a ler mais um tratado de história da filosofia. E, de facto, não estamos. Neste sentido, a obra é exactamente o contrário de um manual, é antes um anti-manual e, ao mesmo tempo, uma maravilhosa declaração de amor pela filosofia. A sua preocupação maior é colocar a personagem, Sofia, e através dela, o leitor, a sentir e a viver como seus os problemas filosóficos, que, afinal, outros, antes de nós, já viveram e experienciaram. De tal forma que não ficamos com a ideia de que aquelas questões foram questões de outros homens, em outro tempo, e já não nos dizem respeito. Muito ao contrário, percebemos que aquelas questões são as nossas questões, são, ainda, as nossas questões. Não há melhor maneira de provar a actualidade e perenidade dos grandes problemas filosóficos, senão sentindo-os, experienciando-os, vivendo-os aqui e agora. É essa a principal razão do sub-título: sentimos a filosofia como uma aventura. Porque ela é, de facto, uma aventura. Mas só pode fazer isto quem dominar muito bem a filosofia, os seus problemas e os seus conteúdos. Os enquadramentos que se fazem, bem como a espantosa capacidade e facilidade de relação temática que se manifesta, são disso a prova. Só pode fazer isto quem tiver reflectido e amadurecido muito bem o mundo da filosofia. Só pode fazer isto quem amar a filosofia e só quem a ama, e precisamente porque a ama, pode vivê-la. Estamos, pois, perante outra paixão pela filosofia.

Leiam! É apaixonante! E pode ser que, também vocês, venham a ficar apaixonados, venham a sentir esta paixão pela filosofia.

Bibliografia_____

GOMBROWICZ, Witold (1996) - Curso de Filosofia em Seis Horas e Um Quarto, Lisboa, Teorema.

GAARDER, Jostein (1995) - O Mundo de Sofia, 4ª ed., Lisboa, Editorial Presença.